
Memórias e religiões de matriz africana - ilustrações pontuais a partir da observação empírica

Renilda Aparecida Costa*

Resumo. O presente artigo tem como objetivo compreender as memórias das religiões de matriz africana a partir ilustrações pontuais feitas nas observações empíricas realizadas no desenvolvimento da pesquisa Religião de matriz africana em Lages, SC, sob o título “espaços e práticas de reconhecimento da identidade etnorracial dos sujeitos”. Desta maneira, a pesquisa de campo aconteceu a partir do acompanhamento de uma casa de religião de matriz africana em Lages, SC, buscando também as suas raízes em uma casa de religião em Gravataí, RS, devido à grande influência que esta última exerceu sobre aquela na construção da hierarquia religiosa no terreiro, principalmente com relação ao Batuque que é praticado no Rio Grande do Sul. A partir de observações de caráter etnográfico realizadas, foi possível explicitar alguns rituais que fizeram parte da finalização da vida do pai de santo - Pai Nyarai - da família de santo pesquisada. Ele faleceu no início do ano de 2008 no meio da realização do referido estudo. Este ensaio etnográfico redirecionou e auxiliou na definição dos caminhos desta pesquisa, além de apontar para a possibilidade de novas interpretações sobre as narrativas e memórias das Religiões de Matriz Africana.

Palavras-chave: Religiões de Matriz Africana, Memórias e Narrativas.

Memories and religions of african matrix - punctual illustrations based on the empiric observation

Abstract. The present essay aims to understand the memories of the religions of African matrix based on the punctual illustrations which were produced during the research about Religion of African Matrix in Lages, SC whose title was “spaces and practices of recognition of the ethnic and racial identity of Subjects”. This way, the field research was performed through the observation of a religious house of African matrix in Lages, SC; and, also, looking for its roots in another religious house in Gravataí, RS, due to the great influence that the latter has operated over the former in relation to the construction of the religious hierarchy in the yard (religious spot where rituals are performed) mainly in relation to the Batuque, which is practiced in the Rio Grande do Sul state. From the observations of an ethnographic aspect in which they were done, it was possible to clarify some rituals which were part of the final days of the father of saint - Pai Nyarai - from the spiritual family in observation. He passed away in the beginning of the year 2008, during the realization of the study just mentioned. This ethnographic essay redirected and, not only helped in the definition of the design of this research, but also pointed to the possibility of new interpretations about the narrative and memories of the Religions of African matrix.

Keywords: Religions of African Matrix, Memories and Narratives.

* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Professora adjunta da Universidade Federal do Amazonas e atuando no Instituto de Natureza e Cultura.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo compreender as memórias das religiões de matriz africana a partir ilustrações pontuais feitas nas observações empíricas realizadas no desenvolvimento da pesquisa Religião de matriz africana em Lages, SC, sob o título “espaços e práticas de reconhecimento da identidade etnicorracial dos sujeitos”.

A partir desta perspectiva e tendo mente o caráter provisório do conhecimento e a complexidade da realidade tornou-se imprescindível o uso de ferramentas que a explicitassem e levassem a uma compreensão/interpretação o mais próximo possível do real. Baseado nesse entendimento optou-se por trabalhar com uma metodologia que pudesse estar subsidiando esta compreensão da realidade, pois como afirma Weber esta não se apresentava tal qual era o cientista social só chegava a certo grau de discernimento, quando passava entender as subjetividades humanas.

É necessário, segundo Weber, aguçar nossas potencialidades no sentido de distinguir o conhecer e o julgar, para que possamos cumprir o dever científico de encarar as verdades dos fatos, e assim defender nossos próprios ideais. Outro ponto importante, em sua reflexão, dizia respeito à realidade, entendida no sentido, de que não se apresentava tal qual era. Dessa forma, a metodologia passava por uma concepção interpretativa da realidade, permeando todo o processo empírico e teórico da análise. Quando o pesquisador faz um recorte da realidade, passa na fala de Weber (1904), a fazer uma dupla interpretação, pois nas ações humanas estavam implícitas subjetividades, e para compreendê-las era preciso uma reelaboração constante.

Diante dessas premissas, fez-se necessária a elaboração de questões que balizaram os caminhos da pesquisa. Nessa formulação, valorizou-se a contribuição do passado articulado com as situações do presente, como: Espaços e práticas de religião de matriz africana em Lages (SC) são fatores decisivos no reconhecimento da identidade étnicorracial dos sujeitos?

O Artigo foi construído a partir de descrições etnográficas e falas de entrevistados intercalados com comentários e amarrações focando a nossa questão central. Todas as informações resultantes das etnografias e entrevistas foram usadas com uma única finalidade, a de fornecer elementos para realização da investigação da referida pesquisa, e, neste sentido os entrevistados tiveram seus nomes trocados por cognomes. Optou-se, então, por cognomes que tem raízes em culturas africanas como

lembrete recordatório do objetivo central desta pesquisa, ao mesmo tempo tendo a finalidade de preservar a identidade e privacidade dos entrevistados.

Os Cognomes são os seguintes: NOMBUSO (o que tem reino), MÃE NUBIA (mulher forte, mãe de uma nação), PAI SANJO (O que aprecia o seu passado), NJERI (filha do guerreiro), SHAKIR (nascida da graça de Deus), MALAIKA (anjo), RASHIDA (Integra, honesta) LUNGILE (bondosa), MEECA (será de ouro, forte, valente), OGECHI (o tempo de Deus é o melhor tempo), OBIAMA (bom coração), NYOTA (guerreira), PAI OLUCHI (arte e obra de Deus alegria), TAFUI (gloria a Deus), SARAN (alegria), OLABUNMI (minha honra foi recompensada), NALA (rainha), PAI SWAHILI (beleza escura), NILAJA (que vem com alegria), SALAMA (paz). Cabe ressaltar que a escolha dos cognomes foi feita a partir de traços de identidade étnicorracial observados nas pessoas entrevistadas. Foram também utilizados alguns cognomes avulsos para referir pessoas familiares ou relacionadas aos entrevistados, quando mencionadas no texto.

Considera-se relevante afirmar que durante estes quatro anos de estudos dediquei-me à pesquisa empírica e, principalmente por ser a religião de matriz africana um tema que se tinha um conhecimento superficial. Assim, realizaram-se algumas etnografias em dois terreiros de religião de matriz africana dos quais os sujeitos fazem parte da pesquisa.

Nesse sentido, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira no primeiro capítulo do seu livro “O trabalho do antropólogo” traz importante contribuição no que diz respeito às três etapas de apreensão dos fenômenos sociais e mercedores da reflexão, não só dos antropólogos, mas de todos os cientistas sociais. Neste texto introdutório do livro, o autor tem por objetivo enfatizar o caráter constitutivo do olhar, do ouvir e do escrever numa perspectiva mais ampla, tendo como fundamento o pensamento de Giddens quando aponta a relevância de se tematizar estes atos cognitivos na elaboração de uma “teoria social”.

[...] tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas complementam-se e servem como duas muletas [...] que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento. (OLIVEIRA, 2000, p. 21).

Outro aspecto relevante apontado por Oliveira neste texto diz respeito à superação das posições do informante/pesquisador na pesquisa que ele considera deveras empobrecedora do ato cognitivo. O autor argumenta que as posições sociais que ambos ocupam, por vezes ocorrem de maneira estanque cujo pesquisador por mais que procure se posicionar como observador neutro, ocupa uma posição de poder na relação que se estabelece com aquele que ele considera seu informante. Ao passo que se o pesquisador transformar o informante em interlocutor, há possibilidade de uma nova modalidade de relacionamento em que: “O ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em outra de mão dupla, portanto uma verdadeira interação”. (OLIVEIRA, 2000, p.24).

Oliveira trouxe um alento neste momento da pesquisa em que me sentia com um longo caminho à frente na construção de um conhecimento que permitisse a compreensão das religiões de matrizes africanas como espaços e práticas de reconhecimento da identidade étnica dos sujeitos. Assim, este autor enfatiza que se o olhar e o ouvir tem como base a pesquisa de campo, por outro lado o escrever torna-se parte indissociável do pensamento.

Pelo menos pela minha experiência indica que o ato de escrever e o de pensar são de tal forma solidários entre si que, juntos, formam praticamente um mesmo ato cognitivo. Isto significa que, nesse caso, o texto não espera que seu autor tenha primeiro todas as respostas para, só então, ser iniciado. (OLIVEIRA, 2000, p. 32).

Neste sentido, faz-se necessário contextualizar alguns acontecimentos que redirecionaram e auxiliaram na definição dos caminhos desta pesquisa. Nesta perspectiva, algumas inserções numa casa de religião de matriz africana – ano de 2007 – na qual já havia feito algumas conversas preliminares com Pai Nyarai que era o Pai de Santo desta casa, foram fundamentais.

Tal interação na realização de uma etnografia envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chama de “observação participante”, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada. (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

1. Pai Nyarai histórias de vida: histórias vividas

Em Lages um dos maiores terreiros de religião de matriz africana foi a Casa de Religião que funcionou no Bairro P. desde 1976 até a morte de P. J. M. - Pai Nyarai -

como era conhecido. Este era filho de Xangô e Oxun e veio a falecer em fevereiro de 2008. A partir deste evento, o Pai de Santo de Pai Nyarai, que é Pai Sanjo e que tem casa de Batuque no município de Gravataí, RS onde também reside, passou a ser peça chave em meu estudo etnográfico. O município de Gravataí fica na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). Ele afirmou que o Pai Nyarai foi para trabalhar em Lages e chegando à cidade viu a possibilidade de praticar essa religião nessa cidade, uma vez que já tinha contato com a religião no Rio Grande do Sul. Assim Pai Sanjo se deslocou para Lages e sentou o Orixá de Pai Nyarai quando ele ainda morava no Bairro Beatriz. Anos mais tarde, ele construiu seu centro em outro bairro.

Durante seus trinta e dois anos de atuação em Lages, Pai Nyarai fundou uma grande rede de relações que iam desde seus filhos de santo, clientes e a população principalmente dos que moravam no entorno do centro que participavam das sessões festivas. O mesmo deixou três filhos de santo preparados e que já possuem seus próprios terreiros e, que com sua morte tem intensificado sua atuação. Pessoa com um carisma extraordinário, Pai Nyarai jamais se entregava diante das agruras da vida, estava sempre animado e animando os que estavam a sua volta, também fazia um trabalho social considerado pela população em geral muito importante, de arrecadação e distribuição de alimentos, roupas e brinquedos para famílias empobrecidas.

Entretanto, no início do ano de 2008, no dia 15 de fevereiro, Pai Nyarai faleceu. Isto aconteceu no meio do meu processo de pesquisa e, assim, eu acompanhei alguns rituais que fazem parte da finalização da vida de um pai de santo. Logo após o enterro, senti vontade de escrever sobre o que tinha ocorrido, mas, acabei não fazendo naquele momento. Entretanto, já utilizara da Metodologia da História Oral nas pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e, a partir desta experiência anterior, intuí que um esforço por entrar por dentro do ritual em questão poderia ser uma importante contribuição dentro do objetivo da minha pesquisa, então, resolvi fazer um ensaio etnográfico com as lembranças que haviam ficado. Este ensaio etnográfico, respondendo aos objetivos centrais do meu projeto, passou a ser referência chave no relato dos resultados da pesquisa.

1.1 Funeral de um Pai de Santo

Foi sexta-feira quinze de fevereiro de 2008, o dia da morte de Pai Nyarai. Na noite chovia muito forte; era como se fosse um dilúvio que estava prestes a assolar a

cidade de Lages, onde este Pai de Santo mantivera uma casa de religião de matriz africana durante mais de trinta anos. Eu, particularmente, soube de sua morte na manhã seguinte quando estava a caminho da Universidade para uma reunião. Eu senti uma “pontada no peito” antes de receber a notícia... Foi como se fosse um aviso ... Achei importante trazer este fato pessoal para a reflexão, uma vez que neste meio, no qual a minha pesquisa da tese e também a pesquisa anterior sobre “memórias afro-lageanas” estavam profundamente envolvidas, estas percepções “extra-sensoriais” fazem parte da conversa do dia a dia... A “pontada no peito” ou outras manifestações parecidas passam a ser importantes componentes na cultura brasileira pelo viés da religião. Na pergunta sobre relação das religiões de matriz africana com a identidade étnicorracial e a identidade nacional, este tipo de comunicação para além dos controles normalmente aceitos em nossa racionalidade deve ser considerado. O mesmo poderia ser anotado com relação à forma espontânea com a qual no início da narração relatei as chuvas com a morte do Pai de Santo.

Logo que soube do ocorrido, fui para o velório que aconteceu em uma capela mortuária comunitária no mesmo bairro, no qual Pai Nyarai mantinha o seu centro de Umbanda. Permaneci ali por algumas horas e pude perceber que Pai Nyarai estava num caixão simples, mas, distinto e vestia um terno preto muito bem alinhado. Os membros de sua *família de sangue*, assim como sua *família de santo* estavam muito abatidos. Eram pessoas de idades bem distintas: crianças, jovens e pessoas idosas. Todos estavam desolados com o acontecimento, sem esconder as lágrimas. Chamou muito a minha atenção a desolação e abatimento de um Ogan, rapaz que batia o tambor nas cerimônias do Centro. Os filhos de santo mais velhos, apesar da tristeza, se mantinham firmes. Vários comentários poderiam ser feitos desta minha própria narrativa: a expressão “simples, mas, distinto” cultivada no meio religioso de matriz africana revela uma realidade que certamente marca profundamente a identidade étnicorracial de muitos afro-brasileiros. Esta questão se refere, sobretudo ao que Guerreiro Ramos sugere com relação à busca da integração dos negros na sociedade branca: é simples (pobre) mas deve ter aparência distinta (do rico, branco).

Percebi que colocaram por cima do terno preto de Pai Nyarai na altura do peito tiras de um pano fino e delicado, ficando apenas a cabeça de fora. Permaneci ali por mais alguns instantes e saí para almoçar. Quando retornei à tarde estava na hora da despedida e a capela estava cheia de familiares, amigos e filhos de santo fizeram suas

últimas referências, muito emocionados. Quem conduzia toda cerimônia era Pai Sanjo, um homem negro alto e magro de mais ou menos 80 anos, que veio do Rio Grande do Sul especialmente para coordenar o funeral. Ele era Pai de Santo de Pai Nyarai e tinha como obrigação conduzir os diversos momentos da cerimônia.

Outro aspecto relevante que observei foi que somente os filhos de santo de Pai Nyarai carregavam o caixão que era embalado como se fosse um berço de criança e se entoavam uma frase em yorubá: “*obeteco launa o bara*” e também cantos e orações católicas. O carro funerário ficou numa rua principal do bairro a uma quadra da capela esperando o cortejo chegar. Em seguida fomos ao cemitério em que Pai Nyarai seria enterrado. Ao chegarmos ao local a chuva deu uma trégua e eram muitos os que acompanhavam o enterro. Estavam presentes pessoas aparentemente de todas as classes sociais e credos e grupos étnicorraciais.

Antes de o caixão descer, o líder espiritual da cerimônia fez um pronunciamento falando do significado daquele momento para todos e em seguida repetiu uma frase em yorubá e algumas orações católicas. Dando a seqüência foi entregue flores nas mãos dos familiares de sangue, e dos filhos de santo para que todos as jogassem ao caixão, e um a um davam um giro aos pés do caixão e saíam sem olhar para trás.

Após o enterro todos os filhos de santo e familiares de sangue se dirigiram a Casa de Religião onde Pai de Santo de Pai Nyarai deu a explicação de como seria conduzida a cerimônia que iria acontecer no sábado seguinte como finalização das atividades do Centro. Neste dia a sala estava cheia e o Pai Sanjo tomou a palavra dizendo que precisava fazer algumas considerações e estas eram em função das obrigações que tinha como Pai de Santo de Pai de Paulo e não era uma forma dele se enaltecer. Decidi retomar a escrita do texto, mas só o fiz a partir das falas daquelas pessoas que faziam parte da *família de santo* de Pai Nyarai a fim de compreender como se dá a formação de quadros dentro da religião e a transmissão de saberes, assim, comecei por Pai Sanjo – Pai de Santo de Pai Nyarai.

A participação detalhada do funeral foi muito importante, pois facilitou a escolha das pessoas a serem informantes: além de Pai Sanjo também mantive contato com umas filhas de santo de Pai Nyarai; fiz algumas visitas iniciais explicando o objetivo da pesquisa e da importância das informações que os mesmos tinham para o desenvolvimento da mesma. Não tive muita dificuldade, pois a própria participação no funeral abriu as portas e usei como estratégia iniciar por Pai Sanjo que é patriarca desta

família.

1.2 Dialogando sobre o funeral de Pai Nyarai

Como já explicitiei, optei por fazer um relato do tipo etnográfico a partir das falas dos informantes, por considerar que seria uma primeira aproximação e com certeza não seria a última. Preferi ter cautela e não gravar entrevistas naquele momento e apresentei aos mesmos um texto que eu havia escrito sobre os rituais fúnebres do referido pai de santo.

Assim sendo, em uma manhã de inverno de 10 de junho de 2008 retomei a escrita do texto sobre o funeral de Pai Nyarai, e o motivo da retomada foi a visita que fiz a casa do Pai Sanjo, Pai de Santo do finado Pai Nyarai. Tentei alguns contatos sempre que estava em São Leopoldo até que um dia, numa terça feira, fazendo um seminário, consegui conversar com sua esposa e, ela me orientou que ligasse pelas vinte horas que ele conversaria comigo. Então, como combinado eu liguei no horário marcado e ele me atendeu prontamente e disse que seria difícil explicar como chegar até sua casa. Orientou-me, então, a pegar o trem, e ele me esperaria na estação parada do aeroporto do metrô na manhã seguinte.

Quando cheguei, eles já estavam à minha espera. Logo em seguida fomos para sua casa e depois tivemos uma longa conversa em que eu mais ouvia do que falava. Já havíamos conversado por cerca de duas horas e eu fiz menção de ir embora, mas, o mesmo disse que eu havia demorado em vir desde o nosso primeiro contato e que agora não deveria ter pressa, pois, ele não tinha. A marca da hospitalidade é uma forte herança da cultura africana conservada através das religiões de matriz africana e é uma questão de identidade étnica. A lembrança de um passado comum (na perspectiva weberiana) estava muito clara nas atitudes de solidariedade manifesta por Pai Sanjo.

Assim, almoçamos e fomos para varanda da entrada da frente e ele pediu para sua esposa que pegasse algumas pastas onde tinha organizado seu material e eu passei a explicar o motivo da minha visita, falando no Núcleo de estudos Afro-brasileiros Negro e Educação, e da pesquisa Memórias Afro-lageanas e da minha pesquisa do Doutorado e do porquê nos encontramos coincidentemente algumas vezes na casa de Pai Nyarai.

Esclareci-lhe que tinha escrito um texto sobre o funeral de Pai Nyarai. Ele

interessado pediu-me que eu lesse, pois, argumentava não tem muita intimidade com as letras. Percebi que talvez sua visão não estivesse tão boa assim. À medida que fui lendo ele passou a explicar algumas situações, esclarecendo mais o que a princípio, o que eu não havia entendido. Primeiro, porque a oração feita era OBETECO LAUNA o BARA que significa uma oração para o Bará, o senhor dos caminhos, o dono da vida! O que tem a Chave! Correspondente de todas as entidades; Segundo, porque no ritual o carro funerário ficou distante, esperando. Era porque o corpo levado pelos filhos de santo precisava passar por um cruzeiro. Obrigatório para este Pai de Santo ser enterrado. O cruzeiro, ou encruzilhada é o lugar de Bará. Convém ressaltar outro aspecto da descrição deste momento do funeral de Pai Nyarai que considerou-se relevante que são as orações repetidas na língua yoruba como uma forma de retorno a um passado mítico, ou seja, de manter a tradição na perspectiva da construção identidade étnica como aponta Weber

O terceiro foi que na chegada do cemitério lavam-se as mãos com cinza ou sal; o quarto aspecto que destacou foi que para o enterro do ente querido – o seu Bará precisava ser despachado, dizendo “ele morreu às 14:00 à noite quando cheguei de viagem já despachei”.

Pai de Santo de Pai Nyarai afirmou várias vezes que para ser Batuqueiro era preciso ser católico e batizado e durante a semana que se seguiu tudo foi normal, com destaque para missa – chamada de missa de Egum – de sétimo dia que é obrigatória para todos que participarão da última cerimônia em que Orixá de Pai Nyarai vai estar, pois, é uma cerimônia de despedida, ou seja, de despacho de Pai ou Filho de Santo. Ao dizer isto ele reafirmava que retomava a necessidade de se vivenciar os rituais do que ele denominava de “rituais tradicionais da religião”.

O ritual começa como uma cerimônia que se inicia por meio de uma bacia na entrada do portão na qual todos os que irão participar dela deverão lavar as mão com água e em seguida entrarem para salão onde se faz um círculo e é servido um café preto que deve ser servido somente nesta cerimônia com bolachas e doces. Na mesa, arrumam-se todas as comidas que os orixás comem, bem como, as do orixá do falecido, ou seja, arroz com galinha que um pai ou mãe de santo só deve comer nestas ocasiões, cuja matança dos animais já aconteceu alguns dias antes. Salienta-se que estes alimentos vêm acompanhados de bebidas que os orixás bebiam. Depois que todos comeram, foi colocada no centro do salão a panela com a comida que sobrou, e outra com os restos de

comidas das pessoas e, em um saco foram depositados as comidas e os santos que não tinham obrigação, que foi despachado nesta noite. Logo em seguida, iniciou-se a dança que habitualmente começa da direita para esquerda, mas nesse dia deve ser dançada da esquerda para direita.

Ao encerrar a conversa fui logo perguntando se haveria outra oportunidade para continuarmos com o diálogo, isto é, se ele me concederia uma entrevista. Gentilmente respondeu-me sim e convidou-me para participar de uma cerimônia de obrigação que iria acontecer em setembro do mesmo ano.

1.3 Retomando o diálogo sobre o funeral de Pai Nyarai

Num outro momento, retomei o texto sobre o funeral do Pai Nyarai, o motivo foi a visita feita a Mãe Nubia, Filha de Santo de Pai Nyarai, no dia 16 de maio de 2008, por meio de agendamento por contato telefônico. Quando cheguei a sua casa pediu que eu me dirigisse ao seu Centro que fica nos fundos de sua casa e lhe esperasse, pois, estava ocupada. Enquanto a esperava, pus-me a observar a sala que tinha um espaço pequeno e estava diferente desde a minha última visita, pois, na chegada tem alguns bancos que não tinham antes e foi aberta uma parede, aumentando, assim, o ambiente. Mantiveram-se, entretanto, duas pequenas salas separadas uma à direita de quem entra para guardar os objetos das cerimônias e a outra que atravessava a sala, à esquerda. Havia uma cortina que não deixa visibilizar um outro ambiente, que, segundo a Mãe Nubia, é o seu quarto do Santo, no qual está sentado o Ogum, seu orixá pelo lado do Oió – Um dos lados do Batuque ligados a grupos tribais africanos – Na sala principal, os altares de santos são dispostos conforme os panteões dos orixás, bem como, outras entidades cultuadas na Umbanda.

Após esperar por quinze minutos, ela veio ao meu encontro e conversamos muito sobre a história de sua vida. Confidenciou-me que fugia da escola para ir ver o trabalho religioso de Pai Nyarai juntamente com algumas senhoras que moravam perto da rodoviária. Explicou que gostava tanto deste trabalho que aos dezesseis anos começou a participar e se interessar mais assiduamente e querendo se tornar uma iniciada. O interesse foi tão grande que passou a ver a religião como opção de vida, chegando mesmo a deixar de namorados ou amigas, não se importando se aqueles ou estas questionavam sua participação, e consideravam este trabalho religioso com sendo Macumba, dando conotação pejorativa.

Após ouvir o seu relato, mostrei o texto que havia feito sobre o Funeral de Pai Nyarai e ela disse que foi difícil vivenciar aquele momento, pois estava com Pai Nyarai na hora de sua morte e teve que se manter firme para dar os encaminhamentos necessários, tanto de ordem prática como os da religião, que nesta mesma noite tiveram que despachar o santo de Pai Nyarai. Afirmou que não podia chorar enquanto não terminasse todos os rituais do funeral que se seguiram naquela semana e que no domingo, depois da missa de sétimo dia, se sentia-se trancada e só conseguiu chorar no dia de Ogum – São Jorge, pois, lembrou que Pai Nyarai ligava cedo, nesse dia para ajudar a preparar a festa.

Ao fazer referência ao texto que escrevi, ela disse que eu deveria me ater mais à história, às orações e em certos ritos não deveria me aprofundar, pois, esta parte demanda de um preparo espiritual e não são só palavras que são ditas sem sentido, mas que estas palavras só devem ser usadas dentro de um contexto específico, enquanto que esta cerimônia é a última que ela ensina para seus iniciados. Também fez referência aos pedaços de tiras finas em cima do corpo de Pai Nyarai, explicando que as tiras eram pequenos lenços de despedidas; comentou que neste momento que um pai ou mãe de santo nunca deve receber de presente lenço, meias e que sal deve ser comprado, e não doado.

Reafirmou o que Pai Sanjo falou quando da ocasião em que conversei com ele, que todo Batuqueiro deve ser batizado na igreja católica e só poderia participar da cerimônia de despedida quem tivesse ido à missa. Comentou, também, que *quando Pai Sanjo chegou ao mesmo dia da morte de Pai Nyarai* e que ela o ajudou em todos os rituais que se seguiram naqueles dias, dizendo “ele só ia pedindo o que precisava e eu ia providenciando”.

Ao se referir à cerimônia de despedida, enfatizou que foi muito triste para ela, e comentou como foi o ritual. Explicou que as pessoas iam chegando lavavam as mãos tomavam um cafezinho com bolachas em seguida era servido um arroz com galinha e o que sobrou na panela e nos pratos foi colocado no centro. Mãe Nubia disse que procurou colocar todas as comidas que os orixás gostavam e o fez com muito esmero, pois deveria colocar tudo do bom e do melhor.

Mãe Nubia comentou, ainda, que por vezes sumia um pedaço de salame ou algum outro alimento! E que as pessoas ficavam espantadas. Tudo indica, segundo Mãe Nubia, que isso se deva pelo fato de Pai Nyarai ter morrido com fome e com sede, pois,

ele iria fazer um exame no início da tarde e estava em jejum desde a manhã. Ela acrescentou que ele pediu água um pouco antes de morrer, mas, o convenceu que não podia dar porque atrapalhava o exame, e que depois do exame feito o daria. Ele, então pediu para se deitar um pouco e ela lhe respondeu que faltava apenas alguns minutos para fazer o exame, mas ele insistiu, pedindo-lhe que a deitar na cama. Ao passar a mão em volta de seu pescoço percebeu que ele suspirou fortemente e deitou a cabeça para o lado. Mãe Nubia chamou ajuda e o levaram para UTI, mas, não adiantou, pois ele já havia falecido. Segundo ela, a morte acontecera justamente no naquele momento que ela referiu.

Dando sequência à descrição do ritual Mãe Nubia argumentou que a mesa dos santos estava tão bonita que algumas pessoas ficavam admiradas e que depois comeram foram colocadas todas as comidas num saco para serem despachados em seguida. Somente, então, começaram a dançar no sentido contrário ao de costume, ao em vez da direita para esquerda iam da esquerda para direita. Perguntei-lhe se havia um lugar apropriado para enterrar tudo. Ela disse que algumas coisas são enterradas, outras são despachadas na água e quanto ao local não poderia dizer. Mas argumentou que para chegar ao local era muito difícil, pois parecia um filme de terror onde galhos de árvores caíam, pombas e pássaros saíam de todos os lados e voavam sobre eles. Enfim, falou ainda que este é um momento especial, porém, muito forte, pois, todos os ancestrais vieram receber o espírito de Pai Nyarai. Nesse momento ela disse que reconheceu sua bisavó e tataravó de Santo, apesar de não tê-las conhecido pessoalmente.

1.4 Novos Diálogos sobre o Funeral de Pai Nyarai

Dando continuidade às reflexões sobre o Funeral de Pai Nyarai, fiz a minha última visita que foi na casa de Dona Njeri outra filha de santo do finado Pai Nyarai, no dia 20 de julho de 2008 em sua casa no Bairro Bela Vista. A escolha desta informante se deu pela proximidade que ela teve com Pai Nyarai. Eles mantiveram uma amizade por mais de trinta anos desde que se conheceram como vizinhos no bairro Beatriz e D. Njeri tornou-se sua Filha de Santo.

Quando cheguei à sua casa, ela não estava e sua mãe consangüínea estava na cozinha encaminhando o almoço. Enquanto ela não chega, conversei com a sua mãe e perguntei sobre sua saúde e ela respondeu que esteve bem delicada, mas, que agora estava se recuperando. Também comentou que estava com muita saudade de um neto

seu que estava morando fora, pois, fazia cinco meses que ele não vinha em casa sendo que, a última vez que veio foi por conta do funeral de Pai Nyarai. Continuamos a conversa e ela fez um comentário sobre como foi difícil para ela e Dona Njeri enfrentar a morte de Pai Nyarai: “Está sendo! Estávamos sempre juntos. Ele ajudou Njeri a cuidar dos meninos quando eles eram pequenos e ela precisava trabalhar”.

Logo Njeri chegou e continuamos a conversa. Ela disse que há um ano teve um sonho em que Pai Nyarai estava morto e, ficou intrigada com esse sonho tanto que comentou com ele, mas este a repreendeu dizendo que não desse importância. Dona Njeri disse que quando fizeram uma viagem para praia duas semanas antes de Pai Nyarai viajar – morrer – na casa de Pai Sanjo ela pediu para que ele jogasse os búzios para ver como estava à saúde de Pai Nyarai e este disse que logo iria morrer e que não tinha muito que fazer. Pai Nyarai estava afastado, mas, pressentiu que o Pai estava jogando para ver se ele iria morrer.

Olabisi filho de Dona Njeri que também interagiu no diálogo que estava tendo com sua mãe se lembrou do que Pai Nyarai disse a ele na última sessão que conduziu de que aquela festa parecia ser de despedida e, já incorporado disse: que não era para ele se preocupar, pois, tudo iria se encaminhar “e o que era dele estava guardado”. Olabisi ficou emocionado quando falou. Também lembrou que quando ligou para o hospital e conversou com Pai Nyarai ele disse: “não vai vim ver o Pai, Olabisi” O jovem argumentou que agora não seria possível, pois, não conseguia folga no trabalho.

Também lembrou que no dia da morte do Pai Nyarai sentiu uma angustia muito grande e ligou para sua casa a fim de saber o que estava acontecendo e seu irmão disse que sua mãe estava no velório de Pai Nyarai. Inconformado, veio na mesma noite, para o enterro. Dona Njeri, neste momento, afirma que a ligação do Olabisi com Pai Nyarai era muito forte, pois, quando era bebê ele cuidava dele para ela poder trabalhar. Ao chegar do serviço ele já tinha dado banho e feito uma sopinha para os meninos principalmente para Olabisi que era o caçula. Acrescentou, ainda que Olabisi chorava muito pela falta dela, e ele, para distraído colocava o sutiã como forma de enganar o pequeno. Também afirmou que nos últimos tempos “O Pai” estava muito apegado a ela e pedia para que o acompanhasse a alguns lugares quando precisava resolver alguma pendência.

Um aspecto que se considera relevante nestes diálogos é o da tradição cultural, pois várias vezes eles se reportavam para a seriedade que era entrar para a religião e

seguir as tradições culturais dos ancestrais como uma opção de vida. Este ponto me levou a realizar algumas reflexões sobre o reconhecimento da identidade étnica dos sujeitos vivenciada dentro das religiões matriz africana e como este conceito se entrecruza ao de identidade nacional. A partir desta perspectiva, Renato Ortiz (1994) argumenta:

[...] A questão que se coloca não é de se saber se a identidade ou a memória nacional apreendem os verdadeiros valores brasileiros. A pergunta fundamental seria: quem é o artífice desta identidade e desta memória que se querem nacionais? A que grupos sociais elas se vinculam e a que interesses elas servem? (ORTIZ, 2006, p. 139).

Ortiz enfatiza ainda que para responder a estas questões se faz necessário perceber em que medida o nacional e popular se entrecruzam, principalmente por que este conceito no Estado brasileiro estava colado á idéia de brasilidade. Assim, o autor retoma a noção de memória, bem como, aproxima a problemática da cultura popular do Estado através da relação memória coletiva e memória nacional.

No mesmo texto ele evidencia esta relação usando o Candomblé e manifestações folclóricas como exemplos: O Candomblé ao demarcar o terreiro como um espaço social sagrado re-atualiza e revivifica a memória coletiva africana. Assim a origem é lembrada através dos rituais religiosos, como afirma o autor:

É na trama da interação social que o teatro da memória coletiva é atualizado. Os papéis diferenciados de ‘mãe de santo’, ‘filha de santo’, ogã definem posições e funções que permitem o funcionamento do culto e a manutenção da tradição (ORTIZ, 2006, p. 133).

Dessa forma, a memória coletiva só sobrevive como uma prática que precisa ser vivenciada cotidianamente. A memória nacional, por sua vez, se manifesta no campo das ideologias como um tipo ideal weberiano que se refere a uma história que transcende os sujeitos. Ao contrário da memória coletiva, ela não é a representação de mitos e tradições ligados a grupos sociais em particular e, sim a produto de uma história social que se quer universal, enquanto história que se projeta para o futuro e não se limita à reprodução do passado. A partir deste entendimento o autor afirma que o nacional não se constitui em um prolongamento dos valores culturais, mas, um discurso de segunda ordem na medida em que ela tem um caráter de universalização e

descharacterização das heterogeneidades via discurso ideológico.

Dessa forma, o Estado pressupõe uma totalidade mais ampla que: transcende e integra os elementos concretos da realidade social, ele delimitando o quadro de construção da identidade nacional. Assim sendo, faz-se necessário compreender a relação da construção da identidade étnico/religiosa no Brasil com o contexto sócio histórico e cultural em que as religiões de matriz africana foram se construindo no Brasil a partir de processos étnico-raciais dinâmicos que não se limitaram à reprodução do passado, mas se desconstruíram e reconstruíram no Brasil e influenciaram na construção da identidade nacional brasileira.

Referências

COSTA, Renilda Aparecida. *Religião de matriz africana em Lages (SC) espaços e práticas de reconhecimento identidade étnicorracial*. 185f. Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, 2011.

OLIVEIRA, Roberto C. de. *O trabalho do antropólogo*. 2ª ed. Sao Paulo: Unesp, 1998.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. Rio Grande do Sul: Brasiliense, 2006.

WEBER, Max. *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1904.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

Recebido em 30/11/2012

Aprovado em 20/12/2012